

As Confissões de Felix Krull,
Cavaleiro por Indústria

PERSONAGENS

FELIX

KRULL PAI

KRULL MÃE

OLYMPIA

SCHIMMELPRESTER

CONVIDADAS

GENOVEFA

MULLER

PADRE

POLÍCIAS

SEGURANÇA

BOB

STANKO

ROZSA

MARQUÊS DE VENOSTA

HECTOR

KUCKUCK

MADAME

ZOUZOU

MACHATSCHECK

RELOJOEIRO

MADAME HOUPLÉ

PORTEIRO

DIRETOR

LORD KILMARNOCK

ELEANOR

OPERÁRIO

Povo, Homens, Mulheres, Guardas, Criados, Garçons

LIVRO I

ATO 1

CENA 1

Que abra a cima o PANO, e aparece FELIX num boné às riscas branco e cinzento e roupa igual, e a nós numa secretária, que tentando pegar no café que o esalda e quase que o tomba, sentando-se suspira, pousando-o

FELIX

(pegando na pena de tinteiro, e molhando no café)

Nas horas vagas da aposentação humana

Há quem escolha um jardim. Eu que vivi

De mim um pouco o tudo, confesso ao papel

Que como a flor é ao sol paciente, seja este

E m'acompanhe, assaltado por querer fugidio

Que s'ajunta a quem nunca fez.

(molha, agora na língua, e batem à porta)

As personagens

Escrevê-las-ei a saliva, e não a café, que venham

Na história distintas (pois que é inato bom estilo

As ocasiões das minhas fraudes, que sou impostor

D'indústria, saiam com a mesma lábia), e coração

Como o meu aberto em vinho, melhor se haja.

Fechando a ele o PANO, abra a baixo, ao JOVEM FELIX, a uma garrafeira pela esquerda, e ouve-se em cima, o FELIX a continuar a escrever, molhando no café, e desaparece, ao som da pena, entrando o de baixo sorrateiro, espreitando, ao som abafado do quarteto de cordas do Beethoven, onde pega o Rasoumovsky, como se uma festa houvesse nos andares de cima, falatório, convívio

JOVEM FELIX

Este não é espumante, est'aquece como se quer

O coração amante.

(rodando algumas)

Paizinho, que o qu' é teu é meu

Não as contes, que vai só uma, no meio de muitas.

(apanha uma, que lhe parece bem)

Primeiro a sede

(roda a garrafa, e mostra no rótulo uma mulher quase nua)

depois a fome.

(tenta sacar a rolha)

Que não me custe

O resto como isto, e a rolha me tenha a alma.

(ouve barulho fora, vira-lhe a garrafa, abana)

Freut euch des Lebens!

(saca da rolha, disparando-a a fora, e ouve-se um grito parvo, assustado aiai, e leva o dito a garrafa à boca, que escorre)

Sai JOVEM FELIX, correndo com a garrafa à direita, e entra o KRULL PAI, com uma grande bola de barriga, e o SCHIMMELPRESTER, de risca ao meio e sem sobrancelhas e com barba, pela esquerda, o último com dois copos de champanhe

SCHIMMEL

Videiras do Reno,

Irmão, a dar vinho tão mau, devias desistir

E não vender mais.

KRULL

Ó Schimmelpreester, ó

‘Tás a ver o teu afilhado, ainda gosta dele.

SCHIMMEL

Acha que é champanhe.

KRULL

Tu achas que é fácil

Mas o preconceito com os produtos nacionais

É que me poda. Mas dada a gloriosa fundação

Do Império Alemão, pode ser que isto mude.

SCHIMMEL

Vão é confiscar-te o petróleo que lhe metes.

(tira uma garrafa)

KRULL

Mas ainda bebes.

SCHIMMEL

É festa, grátis nunca é mau.

KRULL

Ó Senhor Professor, essa sua apatia teimosa

Saiu ao meu rico Filho, que de má vontade

Saindo do obscuro conforto do ventre materno

Nem chorou, e vi-o eu, encolher os ombros

Como s'a claridade do dia, fosse aborrecida

E tivesse uma aptidão a pendores insólitos.

SCHIMMEL

Mas ou se é traquina com sono, ou para ele.

(recebe o copo, que enche, e o dele)

Quem dorme muito, aspira a viver e amar.

KRULL

Por intuição seria ao contrário.

(bebendo AMBOS, em tchintchin)

SCHIMMEL

É, mas olhe

Bebendo melhor se ama, e faz-nos dormir.

KRULL

Pior nós pior nós, que dobrados sobre nós

É-nos o descanso uma espécie de estranho
E a idade não perdoa, como s'envelhecendo
Não fosse mais precisarmos.

SCHIMMEL

(lambendo os lábios)

Anda está fresca
Leva tu outra, e passamos a tarde só a falar.
Ainda and'ái, aquela tua criada?

KRULL

Foi embora;
A minha Mulher mandou-a.

SCHIMMEL

Aí está o problema
Serem duas mulheres.

KRULL

C'est ça; lhe chamaste tu
Felix, que o seu destino não o desmint'ao meu
E tenha mais sorte com as mulheres e o negócio.

Que saiam AMBOS, levando as garrafas

CENA 2

Entra GENOVEFA, a cima a empurrar um carrinho de bebé, e está o JOVEM FELIX, com a mesma idade, de chupeta na boca e saia, com um pé dentro da alcofa e um na ponta, com os punhos nas ancas, e manda-a parar, como para trás com a palma sem olhar, e tira a chupeta, que pende dum fio pelo peito abaixo, onde já tinha outra, e cheira essa, e agora ouve-se melhor o quarteto, e passam CRIADOS, com pratos sujos e copos

JOVEM FELIX

Ama do meu leite, que serei hoje? O Imperador
Que é Gullielmus com'ó Shakespear, ou talvez
Um Príncipe chamado Karl? Eu estou já farto,
Das ignomínias que são me curvarem só a espinha
E não também a alma. Desejo conquista, e feito;
Nasci um homem prático, e sou um herói antigo
Mas de fato errado. Diz-me Criada, este cabelo
Loiro e sedoso, fica bem ou mal com o azul-mar
Destes olhos? Eu julgo que vej'o horizonte
Ao espelho. Aliás, a minha voz faz eco a si mesma
E já acaricio mulheres da sua idade. Julgo ser
No futuro um governador invisível, capaz pleno
De dominar o futuro da nação, sem ninguém ver.
Que pois a grande questão do crescimento nosso
É se este mundo presta alguma coisa, ou podemos
Tomar os sonhos sabidos que temos, e impô-los
Como o Alekhine a puxar dos elefantes (que
Em russo são os bispos); que respeitar os outros
É fazer-nos tão pequenos, que me parece incapaz
A alegria de nos chegar, como se cerrássemos
Os olhos a duas frinchas de cavaleiro teutónico.
Só tenho pena dos moços, que são alguns ruivos
Outros morenos (e não morenos de pele e loiros
Como eu, que sou tudo então), porque passando
Os faço pouco. Sou dum estofo mais raro,

E não o posso esconder, não é que me mostre.

Aldrabas aldrabas, Leite meu Criado, sussumé

Tenho de mostrar a minha testa a mais gente.

(como chicoteando de lado com o fio da chupeta, ela anda, e então volta a mamar na outra chupeta, com os punhos na cinta)

Sai GENOVEFA, empurrando-o, e há PANO a cima, abrindo a baixo, a OLYMPIA e a MÃE KRULL a abanarem-se com leques, a cochicar por trás deles, com champanhe em copos, junto a um OPERÁRIO, que desce da escada, a barulho de festa como de fora, continuando o quarteto, agora vivo, e passam CONVIDADOS e CONVIDADAS, de braço dado, etc.

OPERÁRIO

(virando-se a elas, farto)

Diga, diga lá, que é desta vez.

MÃE

Deixe pintar

Só um bocadinho de verde esse bigode.

OPERÁRIO

Oh

Deixai-me trabalhar!

OLYMPIA

Mas não vê que merece

Um farfalho desses, parecer-nos um bosque?

OPERÁRIO

Deixam-m' em paz?

(silêncio, mas ele deixa-se tirar o pincel, e elas molham no verde, e pintam-no)

Filha e Mãe, sois iguais.

MÃE

Às fraquezas humanas somos todas, Senhor

Agora suba lá à escada e trabalhe, vê-lo assim

Não sei s'olho p'r'à obra, ou p'r'à obra.

OPERÁRIO

Deus

(subindo)

Do céu, é isto ser mulher?

(esganiçam as duas, vendo-lhe as costas)

MÃE

Não viesse de blusa.

OLYMPIA

É, olhe para isso tem algum jeito, a suar aqui

Parece-

(virando-se à MÃE com o verso da mão à testa, fingindo ofegância)

MÃE

Parece-

(gemendo)

OLYMPIA

Ai!, ui!

(fingindo que desmaia a OLYMPIA aos braços da MÃE, o OPERÁRIO farto desce, gladiando o pincel molhado como uma espada, para as salpicar, e corre com elas, que em gargalhadas fogem levnatando o vestido)

Saem TODOS, correndo, e então entra da direita KRULL PAI e duas CONVIDADAS, de decote, bebendo champanhe

KRULL

Ai Senhora, não posso eu

Medir-lhe as coxas como diz.

CONVIDADA1

Mas porque não?

CONVI2

Olhem, lá dentro desligam as luzes.

KRULL

É pretexto

A fazer o que não se deve.

CONV1

Tem de nos levar

Àqueles banhos de lama que dizem fazer bem.

KRULL

Isso já é mais ao meu gosto, faz bem às pregas.

CONVI2

E podemos levar chapéus grandes, e dizer mal.

Entra FELIX, coberto numa manta vermelha que arrasta, como capuchinho

CONVI1

Que menino bonito!

FELIX

É bom que o reconheça.

KRULL

Não dormes?

FELIX

A música não me deixa.

KRULL

Eu mando

Tocarem mais baixo.

FELIX

Não posso ficar?

KRULL

Aqui,

É melhor não.

FELIX

(franzindo o sobrolho, e um momento significativo, em que olha para as duas)

Paizinho é verdade que o negócio

Vai mal e gastas tudo nestas festas?

KRULL

Felix Krull!

Porque é que havias de inventar essas coisas?

Vai para cima, vai dormir.

FELIX

Condeno-vos sirigaias

A lembrarde-vos do grande Felix Krull. Adeus;

Pai, diga que toquem mais alto, a música afoga

Mais rapidamente os espíritos rarefeitos, iguais

Aos de Grandes homens, com'ós meus. Adeus;

Um dia Pai, vou pegar no Paganini que há em mim

E enternecer todos esses corações de pedra-burra.

Discorrendo em Francês, uma Princesa Russa

Já de caracóis brancos, chamar-me-á de anjinho

E o marido de diabo. Serei cavaleiro das cordas!

Adeus.

Sai FELIX, como que perdendo que dizer, de boca a berta, esfregando os olhos, e o KRULL leva-as desanimadas para onde ia, dizendo, é criança é criança, só diz asneiras, etc.

CENA 3

Que abra a cima o PANO, a uma fila de cadeiras, a nossa família toda junta sentada, com óculos de opera, e as mulheres olham para baixo, onde vai abrir o PANO a MULLER-ROSE, em ballet mudo, romântico, e o FELIX aparece com aqueles óculos do mar, a olhar para o peito das MULHERES, da esquerda para a direita, e parando no da OLYMPIA, abre ao espetáculo em baixo, e muda-se para lá, que representará uma lamechice comum, em Paris, e ele embaixador, mas de sedução geral, a que há de aparecer uma ATRIZ, vaga igual

FELIX

(falando para si e ninguém o ouve, seguindo o MULLER com o óculos TODOS)

Que força admirável tem este homem
Qu'as costuras dos corpetes femininos
Rompem nas ligas porqu'a ele pendem.
É isto, talento? Também o tenho cá dentro
E serei capaz um dia, de virar tantos
Para verem o que eu sou, e mesmo sou?
Serei com'o único pirilampo, entr'as traças
Cegas chamando, ao meu êxtase fulgurante.
(bate o PAI, com a bengala no chão)

PAI

C'est épatant!

(e o POVO manda-o calar, em sh's)

Ich goutiere das!

(a MÃE bate-lhe, e ele cala-se, falando para si baixo, como evidenciando ao nada)

FELIX

(aponta-lhe o óculo)

Pois Pai,

Desta não és tu narrador, eles ouvem-te.

(agora a baixo)

Quando esquadrio a minha alma, saio

Redondo. E que só o Teatro se faz igreja

Num sítio calado de solene, e alto
De se pedir cheio, não será então aqui
O Templo do prazer daquele, e neste
Homens ávidos de visões edificantes
Vêm pedir sem pedir caras aos seus ideais
E incarnam de boc'aberta sonhos alheios
De coisas que nunca fizeram nem dirão?
(num beijo final, em baixo)
Que segredos esconde renda azul-celeste,
Que voz argentina tentando ouro ao aplauso
Arfe os peitos mudos com beata imbecilidade
E incapazes de saber quanto confessa de si,
Uma mão de mais, até a mim me seduza?

*Que depois do aplauso ao MULLER-ROSE e a vénia dele, feche o PANO a baixo, e começa a sair
POVO de cima, depois do aplauso*

OLYMPIA

Estamos à espera que saiam primeiro?

PAI

Não,

Vós podeis ir indo, eu e o Felix ainda vamos
Ver se falamos ao Muller.

FELIX

Fal'à sério meu Pai?

*Que se levantam para sair em cima, havendo PANO lá, aparecendo a baixo um ATOR, encostado
de ombro a fumar de costas a estes que entram, que o PAI entrando lhe belisca pelo rabo a si,
falando-lhe ao ouvido, e ele indica-lhe com o dedo, onde está o MULLER, sentado à frente dum
espelho, com um ATOR a fazer-lhe uma massagem às costas, só de cuecas, a tirar maquilhagem, e
aproximam-se os nossos*

MULLER

Estou ocupado estou ocupado.

PAI

Meu bom amigo

Sou eu, o Engelbert Krull! Este é o meu Filho

FELIX

(à parte)

Mas este homem, tem borbulhas

PAI

Tu parecias

Quas'um quadro.

FELIX

Vou pensar em si p'ra sempre.

MULLER

Obrigado jovem.

FELIX

Não obrigue, o nosso nojo

Está ligado ao nosso desejo. É com'ó ciúme

Lá dentro da raiva está pelo sujeito o amor.

MULLER

Que é que ele quer?

PAI

É da salamandra acesa

E o suor que aqui paira, está a ficar tonto.

FELIX

Não fala desverdade o Padre, mas desmaio

Se continuar a ver este à minha frente.

MULLER

(dando ombro ao FELIX, como falando à cara do PAI)

Vá

Krull, acha que eu agradei?

FELIX

(eles falam, abraçando-se e perto um do outro etc., este vem de parte)

Pergunto-m'igual;

Aliás, será a questão mais essencial do que sou

S'agrado. Pois que tem de ser piada trivial

(Com'as que não percebemos nem nos fazem rir

Mas as ouvimos, e nos insistem, como forçando

Por contágio o sentir), a inquietação do que somos.

(levanta-lhe o queixo)

Há de ser esta pele leprosa, causa e fim de sonho

Pois com'há cacos mais porosos, e influenciáveis

Também os corações humanos, por pena sentida

(E não consciente), por este traste se carrascam

E ele os controla, ciente da sua ciência, mas só

Mariposa agora minhoca? As pessoas grandes

Será que veem, estas lacunas na mente atora

Ou simplesmente mais lhes convém, não ter

Em si pensar, e serem só olhos? Ou consideram

Que não há engano, e como aparece satisfaz?

As verdades, julgo eu, para esta armadilha

De sombras se manter, serão como faúlhas

Na boca dum poeta; aumenta-as como bolhas

De sabão de próprio osso, e bufa-lhes logo

Que voem, a palma que com'o animal primitivo

Em vez d'agarrar, lhes toca com o focinho.

Felix, repenetra-te ao teu desgosto, e esquecer

Nunca esqueças, que por mais falsa que seja

Esta graça tão embriagante, encarnou à plateia

Um ideal que nunca tinham sonhado, e amaram.

(vai ao espelho, e unta as mãos nos pós, que os dois outros estão levantandos, falando longe, e ele se olha de frente no vidro)

Vai mais longe ainda: que modelo móbil há
Que uma alma possa ser transfixa, e se fazendo
Utilize de todo o poder que nos criou Deus
E neste horror de Facto, nunca seja sabido?
Que origens misteriosas tem um encanto?
Que comum há, entre sedução e venda?
Nunca serei eu, se sendo eu ser-me-ei menos;
Será tod'à troca humana, simplesmente achar
Mudo em nós expressos em eles, o desejo
Recíproco qu'em tudo dá? D'esquecer o risco
E apostar? Como vendo num espelho certo
Mas sempre o nosso melhor lado? É capaz;
Como uma núpcia muda, mas cheia d'aplauso.

(vai ao PAI, com a cara toda pintada, que o assusta, mas o FELIX tira com um dedo da sua cara, e em bicos de pés passa num mamilo, e depois outro, do MULLER)

Sai FELIX, saindo sujo de queixo erguido, os outros dois confusos, há PANO a baixo

CENA 4

Que entre a cima do PANO o FELIX, procurando em gavetas, e encontrando um papel, tira um trazido do bolso, e tem um copo com gelo, aonde mete a mão que não escreve

FELIX

(pondo o seu papel debaixo do outro, virando à luz)

Devolvo só o que o gene me deu, meu Pai

E trazendo a estas notas a tua assinada mão

Passo por cima, que tens recebido da escola

A minha atuação.

(tentando passar por cima)

Que pois hão de dizer,

Quando eu for preso mais tarde na vida

(Pois isto é uma narrativa e não um conto)

Que lá me porto melhor do que cá. Aliás,

S'há de ser este o meu Pano, que pobre deixa

Tu me deixaste, que mesmo que assines feito

Em vários anéis solstícios, aqui nosso nome.

(assina, agora de um golpe, muito curvo, e como sacado no fim, em riste a mão)

Saiu mais larga que alta, como tu. E pois já

Que jogo o Rei, também o bobo, e venha cá

(escreve outra, e mais outras depois)

Uma letra assinada que me escuse dia sete

Dum, abecesso purulento na gengiva uvítica

E pelo removimento, de dez a quatro do dez

Impossibilitando-o de ir à escola. Vou passear

Ou ao atelier do Padrinho, que me pinte nu

Como quando era miúdo a um Querubim

Rechonchudo, pois já muitas damas disseram

Que gostam de ver as minhas covinhas

(Quando rio, que não rio muito, que dizem

Que dá rugas, e então prefiro viver mais triste

(Mas para fora), e viver belo mais um tempo).

(dobrando as folhas, metendo-as ao bolso)

Para me libertar das minhas algemas impostas

Terei de lutar desta forma, como um espião

A mim mesmo, e sabendo-me só por fechadura

Ver-me com o olho, e não com a chave. E mentir

Primeiro a mim mesmo, depois a quem me sou.

(tira um espelho de mão, e a ele chupa as bochechas, despenteia o cabelo para a frente, olha para as unhas da mão que esteve no copo, e estão azuladas, então mete a outra)

E quando estiverem também estas unhas azuis

Bebo este copo d'água salgada, vomito, e falto.

Entra GENOVEFA, ele fazendo o som do vomitar

GENOVEFA

Ó Menino, como tu estás-

FELIX

Mesmo doente, sim

GENOVEFA

Pois, não queres tomar qualquer coisa?

FELIX

Acho

Que não conseguiria engolir.

GENOVEFA

Trago-t'a bacia?

FELIX

Já deitei tudo de noite.

Sai GENOVEFA, ao dito

FELIX

Agora é só ir à cama
E lá ficar. Trazem-m'o pequeno-almoço
E aqui de cima, ainda ouç'os moços passar.
Boas aulas rapazes, id'à faculdade por mim.
Afimal mentir é fácil; é só sentir-lhe o gosto
Como o Ator sabendo que é olhado, e indo
É ser o nem tanto, e ressuscitado só a não ser
Como que criando os sintomas dum caráter
E continuar, inconscientes do que fazemos
Como quem olha de lado para um amigo
E somos de nós, a nós.

Entra GENOVEFA com uma bacia, e ele quase que como desmaia, agarrando a barriga

GENOVEFA

Já te vamos compor;
Um vinho da farmácia, forte e agridoce dá.

FELIX

Amor, fazes bem o papel de enfermeira.

GENOVEFA

E tu
Do doente.

FELIX

Pudesse eu dominar-me por todo
E nunca adoeceria. Pode-s'eu dominar-te toda
Andaria sempre doente.

GENOVEFA

Fala baixo Felix, shiu!

FELIX

Porquê, não me trincaste a orelha?

GENOVEFA

Não.

FELIX

Não;

Só lambeste.

GENOVEFA

És um miúdo.

FELIX

E tu criada. Anda,

Vem deitar-me. Tu sabes bem o que me cura.

Tu não me vais resistir pois não, Genovefa?

Não me vais levantar outra vez os joelhos;

Vou-te vencer com condescendência.

GENOVEFA

Oh

Eu tenho pena de si, e ond'iria para fugir?

FELIX

Sou rico, posso cuidar de si, e nem trabalhar.

Aguarde, ainda caso consigo. Quand'a vejo

Penso que a minha pele é um uniforme ruim

E só quero que a sua me cubra. Diga-me,

A sua alegria também cresce, quando me vê?

(ela em silêncio, ela agarra-a, e tomba-a ao chão, e fica em cima dela, segurando-lhe os pulsos)

GENO

Ainda é um rapaz.

FELIX

Mas dizendo sim, a sim

(cobre-lhe a boca com a mão)

Porquant' é agudo em mim, em si seja mudo.

Que haja PANO, beijando-lhe o pescoço, ela fechando os olhos

Sample Visualização Apenas

CENA 5

Que abra a baixo a um PADRE e o PAI KRULL, o segundo atarantado, a garrafeira de trás, vazia

KRULL

Senhor Padre, eu quero casá-la, e vou casar
Mas não tenho dinheiro para o vestido, pode
Não sei, fusgar um pouco do branco cinzento
E um metro dar p'ra dois, ou não levar o véu
Ou até ir de decote, que agora faz calor?

PADRE

Oh

Pobre Filho de Deus, estás assim tão mal?

KRULL

Se lho confessar que não conte a ninguém
(Nem a Deus julgo eu que ele é chibante
E já lhe me chibara eu), estou todo roto
Estou arruinado. Graças a Deus livra esta
Indo Filha Mulher renascida a um homem
(Que pois o Pai nunca prenha, mas prova
Que é minha o seu nariz), e o meu Felix
Fazendo agora dezoito, também renasce
(Mas de homem a homem a coisa é certa
Não precisa de magia nem sacrifícios)
Eu bem disse Senhor Padre, que em vez
De Loreley, devíamos ter chamado à marca
Lovely extra corvet. Tem um tom Inglês
E sabe mais, qu'esses roubam o Porto todo
E parecia melhor, agora assim já se vai.

PADRE

Então é melhor ausentar-se a Mainz.

KRULL

Oh

Aí vou quando me zango com a mulher
E quero ser garoto um fim de semana.

PADRE

Não. Que anda aí o Banqueiro Judeu
E se o apanha.

KRULL

Mas ela casa?

PADRE

Eu caso-a.

KRULL

Se não houver espumante, água benta!

Que saiam AMBOS, e entre FELIX com uma garrafa de champanhe

FELIX

Eu não preciso de acabar o secundário;
Estas calúnias criadas à minha família
Puseram todos os professores contra mim
E tenho uma antipatia de sangue de Delfos
Contra o despotismo Brumário, e a ruína
Será deles. Perguntando-me a mim, Felix
Perguntas!; a semelhantes censuras,
Oponho o silêncio, e recolho-m'a mim
Pois sabendo, que as minhas qualidades
Pessoalmente compensarão medíocres ganhos
Aquemais, se soma a vulgaridade disto tudo.
(olha para a garrafa, roda-a, e tira o rótulo, da mulher nua)
Que guardado champanhe não acumula

Levo-t'a ti, Musa. Freut euch des Lebens

Também há, em fome que nos cura a sede.

(vira a garrafa ao alto, abre a boca, e cai-lhe, só uma gota, e ao cair da gota, ouve-se uma bala, e grita de fora, OLYMPIA, e ele deixa cair a garrafa, que parte, e ele olha o teto, onde se ouvem muitos passos, e passa a mão ao olho, como se lhe caísse uma pinga fria)

Jaz do soalho, como uma anterior câmara

De negra paz, uma carne desabotoada

Dum Pai. Que tenro objeto t'agora aloja

Chefe de família sem casa, que me pingues

O meu refresco, aí do céu?

Que haja PANO a baixo, ele chorando uma lágrima ao som dos gritos da GENOVEFA

LIVRO II

CENA 6

Que apareça a cima do PANO, o SCHIMMEL e o PADRE, o primeiro tombando a chávena no pires, e caindo chá da mesa a baixo, entra um CRIADO a limpar

SCHIMMEL

(do fio de chá que pinga)

E assim, examinando uma arma de fogo
Que já não servia há muito tempo, Padre
Faleceu o meu Irmão, por acidente.

PADRE

Pois;

Se for suicídio, a Igreja não cuida. Que,
Viver forçosamente é prorrogado sempre.

SCHIMMEL

Eu ainda tenho alguma coisa para pagar.

PADRE

Eu aceito. Mas prometa-me que o cuida
Esse seu Afilhado, que pois é de Deus
E julgo ter havido leviandade desse Pai
Da forma com'o educou.

SCHIMMEL

Disso pequei eu.

PADRE

Os homens levam letras postas na testa.
A única coisa que podemos fazer adultos
É tirar-lhes os espelhos que não o sejam.

SCHIMMEL

E que a sociedade burguesa nas exéquias
Não igual se veja, não os convide Padre
Que eles me detestam, e o meu Amigo.

Sai SCHIMMEL, dando uma carta carregada ao PADRE

PADRE

Nascido de uma família tarada, filho
Dum falido suicida, aluno falhado
E sem nenhuma perspectiva de ganhar,
Que vida será deste Felix, eu não sei.
Não é feio, e a promessa delicada que era
Agora em Flor o mostra, agradável mas
(*acaba o chá, e vira a chávena ao contrário no pires*)
Rara de Verão, atirada ao Inverno comum.

*Sai PADRE, e que CRIADOS levanten a mesa, literalmente, e entra FELIX, a pôr à sua frente
vários retratos, antigos, e algumas fotografias, a preto e branco, e cruza o braço levando a mão ao
queixo e bate o pé, frente a elas, depois mete as mãos à cinta, etc.*

FELIX

Agora que o meu Pai se foi procuro
As esfinges nos meus antepassados,
Olhando os olhos mortos qu'os retratos
E fotografias iguais envivem, p'ra m'aludir
A quem serei eu, e que antecipações tenho
De mim nos olhos deles, do meu nome.
Mas só encontro devedores e medalhões.
Eu não sou Burguesinho, se tiver de censurar
Elogio, se tiver de ser natural moralizo
Não me deixo no meio da coisa, indeciso
Mas nenhum deste me fala, de quem sou.
(*vai à foto da OLYMPIA, e desenha-lhe uma monocelha e bigode*)

Quem tem amor ao mundo molda-se para ele;
Não admira qu'os retratos não reflitam,
Os seus donos já desistiram. Confiamos à terra
Os despojos mortais do homem, que ao céu
Sejam passados. Numa folha uma assinatura,
Um retrato, não s'enterra a nada. Foi preciso
A intervenção de mim mesmo, p'ra qu'a pessoa
A quem me devo me reclamasse. Ond'andas
Agora Pai, qu'aqui venhas, e te me tenhas?

Entra SCHIMMEL, com a MÃE KRULL agarrada ao peito que chora, e a OLYMPIA

SCHIMMEL

Krull-

FELIX

(à parte)

(Felix envergonha-o)

SCHIMMEL

-Curvas a cabeça

Por falta de energia e sem motivo. A vida,
Ainda não acabou. Não m'ouviás chamar?
Não chore Senhora Krull, ainda tendes vós
Depósito pessoal no Banco Comercial,
Mesmo que tenhais as pulmões nus por dentro
De quanto veludo sacaram contr'às margens
Alugais a casa, e que estais acostumados cá
A ter gente, servi-la-eis, agora não amiga
Mas que seja. Quanto à minha Lympchen-

FELIX

(à parte)

Ah mas a ela usa alcunha, e ela é casada.

SCHIMMEL

-Esta Cabeça de Manequim (que julgo eu
Poder dizer de parte, por ser como ele
Só corpo e sem cabeça que s'aproveite)
Tenho uma amiga no meio Teatral, e olho
E vejo um peito tão dado a cantar a vida
Que se der prova de carácter (que nessa
Artística vida, mais interessa que talento)
Fará lá o seu dinheiro, a cantar Ópera.
(ela manda-se ao peito dele, e agarra-o)
E a ti Krull, creio ter encontrado solução
Mais exatamente em Paris. Vejo em ti
A admiração dessa Capital das Artes.
E no teu bom jeito, e Inglês e Francês
(O primeiro nunca to vi o outro no teu Pai)
Falei com um amigo Issak Sutrzli, que
Trato por tu quando vou lá, e sem salário
Mas só primeiramente, farás lá de Garçon
E se Deus quiser, com'a muitos outros
A lábia pelo contacto servido t'eleve.

FELIX

E se me chamarem para o exército?
O benefício da minha classe cultivada
Não foi feito p'ra caserna nem barraca.

SCHIMMEL

Não tenho contactos no Estado-Maior.
Esqueci-me desse detalhe. Mas Krull
Tu sempre te desenrascaste, sim?

FELIX

Oh sim;

Sim claro. Sempre soube ser ess'à verdade
A estas aparências todas, o desenrascado.

Eu sou um homem grande, estas vinhas
Um dia serão um segredo considerado,
Causa de admiração misteriosa de Dama,
E a odiosa estreiteza de servir a nação
Fará do meu peito minha terra, e sucesso.
Diga-me Padrinho, acha que um dia voltarei
P'ra banhar no meu ganho, o espanto alheio
E no círculo estrito das minhas conhecidas
O fulgor dos olhos antigos (que me viram
Um dia e amaram, e do escândalo apagaram)
Acenderei com o bafo esquecido do perfume
Que levo de Mundo, ou ficarei para sempre
Exilado, por própria vontade, de própria cidade?

SCHIMMEL

Depende do que chegares a ser. Se artista
Nunca viveste onde nasceste, e é irrelevante
Mas voltarás, como para ver nos olhos teus
O mesmo nada que uma vez te convenceu.

FELIX

Será a última vez que nos vemos?

SCHIMMEL

Leva então
Deste abraç'a paisagem, como uma memória
Arrefecida pouc'a pouco, desta terra, a nada.

Que haja PANO, eles abraçando-se